



INDICADORES DE COMPETITIVIDADE- CUSTO



Confederação Nacional da Indústria

CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA

Brasil perde competitividade na comparação de custos

A indústria brasileira perdeu competitividade, em 2017, na comparação com os principais parceiros comerciais do Brasil, segundo o custo unitário do trabalho efetivo (CUT efetivo), indicador de competitividade-custo.

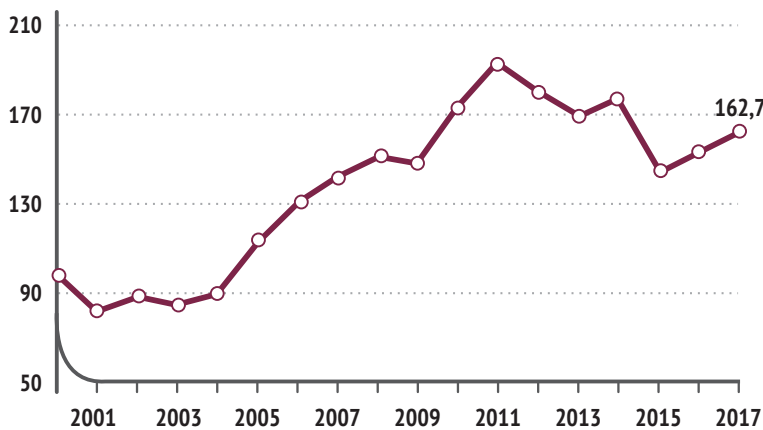
O custo com trabalho, em dólares, para se produzir uma unidade de produto no Brasil, subiu mais do que o custo médio nos principais parceiros comerciais do país. De acordo com o CUT efetivo, produzir no Brasil ficou 5,4% mais caro do que na média dos parceiros comerciais.

O indicador cresceu pelo segundo ano consecutivo e acumulou alta de 11% entre 2015 e 2017. Nesse período, a produtividade do trabalho cresceu acima do salário real (4,1% contra 2%), o que reflete os efeitos da crise econômica, com queda ou baixo crescimento dos salários e maior esforço de trabalhadores e empresas para preservar suas posições durante a crise. No entanto, o ganho de produtividade não foi suficiente para compensar a apreciação da moeda brasileira (em 13,2%) frente à média das moedas dos principais parceiros comerciais do Brasil.

Para 2018, a expectativa é que a competitividade volte a crescer (ou seja, que o CUT efetivo volte a cair). Tanto a produtividade do trabalho, que continua a crescer no Brasil, como a taxa de câmbio, que reverte a tendência de apreciação, devem contribuir positivamente para a competitividade da indústria.

Custo unitário do trabalho efetivo

Indústria de transformação
Índice, 2000=100



Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas de ADB, BLS, Banco Central de la República Argentina, BCB, DGEyC, FUNCEX, FGV/IBRE, IBGE, INDEC, INEGI, KOSIS, Macrodados, METI, Ministry of Health, Labor and Welfare, MOEL, OECD, The Conference Board e da CNI.

Os **Indicadores de competitividade-custo** permitem avaliar a competitividade de um país tendo como base o custo de produção.

Quanto maior o custo de se produzir no país (em comparação com os demais países), menor a competitividade. Nesta publicação, são elaborados indicadores baseados no custo unitário do trabalho, ou seja, o custo com trabalho para se produzir uma unidade de produto.

Indústria brasileira perde competitividade

Em 2017, o custo unitário do trabalho efetivo em dólar real (CUT efetivo) da indústria de transformação brasileira aumentou 5,4%. O indicador cresceu pelo segundo ano consecutivo, após cair de maneira quase ininterrupta desde 2012. O CUT efetivo compara o custo unitário do trabalho (CUT) da indústria brasileira com a média do CUT da indústria de seus principais parceiros comerciais¹. Entre 2015 e 2017, o indicador acumulou alta de 11%.

O custo unitário do trabalho relativo – que compara o CUT do Brasil com o CUT de um determinado parceiro comercial, ambos medidos em dólar real – cresceu mais em relação ao Japão (14%), seguido de Reino Unido (11,5%) e Coreia do Sul (9,1%) entre 2016 e 2017. O indicador registrou queda apenas em relação à Argentina (-1,4%).

Nos últimos 10 anos (2007-2017), o CUT efetivo acumulou crescimento de 13,1%. O custo unitário do trabalho do Brasil caiu apenas em relação à Argentina (-37%) nesse período. Os maiores aumentos foram registrados em relação ao Reino Unido e à França (67,4% e 57,3%, respectivamente).

O CUT efetivo pode ser descomposto em: salário médio real efetivo, produtividade efetiva e taxa de

câmbio real efetiva (TCRE), o que permite avaliar o principal determinante da evolução do indicador. O CUT efetivo aumenta com o aumento do salário real efetivo, com a apreciação do real (indicada por um aumento da TCRE) e com a redução da produtividade efetiva.

Em 2017, o Brasil foi o único país – entre os considerados no cálculo do CUT efetivo do Brasil – a registrar crescimento do salário médio real (1,4%). Com isso, o salário médio real efetivo cresceu 2,7%. Os maiores aumentos do salário médio real do Brasil, com relação ao salário médio real de seus principais parceiros comerciais, foram registrados na comparação com os Países Baixos (4,2%), a Coreia do Sul (4,1%) e a Itália (3,8%).

A alta de 2,3% da produtividade efetiva foi a segunda maior da série histórica que começa em 2000, reforçando tendência de recuperação iniciada em 2015. A produtividade do trabalhador industrial brasileiro só não cresceu em relação à produtividade do trabalhador da Coreia do Sul (queda de 1,3%). Os maiores aumentos da produtividade brasileira, em comparação com a produtividade nos demais países, ocorreram em relação ao México (5%), seguido da Itália (3,8%) e dos Estados Unidos (3,7%).

O Custo Unitário do Trabalho Efetivo

O Custo Unitário do Trabalho (CUT) é um dos indicadores de competitividade-custo mais utilizados. Sua ampla utilização deve-se à importância do trabalho para a produção e à menor dificuldade de se levantar as informações necessárias para seu cálculo. O CUT representa o custo com trabalho para se produzir uma unidade de produto.

Como a competitividade é um conceito relativo, o efeito final depende da evolução do CUT de um país em comparação com o CUT de seus principais concorrentes.

Para isso, utiliza-se o custo unitário do trabalho relativo (CUT relativo), que compara a evolução do CUT entre dois países. Por exemplo, o CUT relativo Brasil-Argentina, compara a evolução do CUT do Brasil com o CUT da Argentina, ambos medidos na mesma unidade monetária, usualmente o dólar. Um aumento do CUT relativo Brasil-Argentina representa perda de competitividade do Brasil, pois ficou mais caro se produzir uma unidade do produto no Brasil do que na Argentina.

Para uma medida mais geral de competitividade, utiliza-se o custo unitário do trabalho efetivo (CUT efetivo). Esse indicador é a média ponderada dos CUTs relativos entre o Brasil e seus principais parceiros comerciais, sendo os pesos dados pela participação de cada parceiro na corrente de comércio do país. Um aumento do CUT efetivo representa uma perda de competitividade com relação à média de seus principais parceiros comerciais.

¹ Estados Unidos, Argentina, Alemanha, México, Japão, França, Itália, Coreia do Sul, Países Baixos e Reino Unido. A China não é incluída na análise por falta de dados.

O crescimento registrado pelo salário médio real efetivo superou o aumento da produtividade do trabalho efetiva (2,7% contra 2,3%), o que contribuiu para a perda de competitividade. No entanto, o principal determinante do aumento do CUT efetivo foi a apreciação do real: a moeda brasileira apreciou-se 5% frente à cesta de moedas de seus principais parceiros comerciais.

Cabe ressaltar que, nos últimos dois anos, o ganho de produtividade mais do que compensou o aumento do salário médio real efetivo. No entanto, o saldo positivo não foi suficiente para compensar a apreciação do real, reduzindo a competitividade-

custo da indústria brasileira. Entre 2015 e 2017, a produtividade efetiva cresceu 4,1%, o salário real efetivo cresceu 2% e a taxa de câmbio real efetiva acumulou apreciação de 13,2%.

Para 2018, a expectativa é de que a competitividade volte a crescer (ou seja, que o CUT efetivo volte a cair). Tanto a produtividade do trabalho, que continua a crescer no Brasil, como a taxa de câmbio, que reverteu a tendência de apreciação, devem contribuir positivamente para a competitividade da indústria brasileira.

CUT efetivo e seus componentes, Indústria de transformação

Variação acumulada (%)

ANO	Salário médio real efetivo	Produtividade do trabalho efetiva	Taxa de câmbio real efetiva ^{1/}	CUT efetivo
2008	-3,0	-2,2	6,6	5,8
2009	1,8	3,8	0,1	-1,8
2010	-1,5	-5,4	12,5	17,1
2011	5,9	-3,2	1,4	11,0
2012	4,0	0,5	-9,9	-6,7
2013	0,4	1,8	-4,5	-5,9
2014	4,6	-1,0	-1,1	4,5
2015	1,5	0,4	-18,6	-17,7
2016	-0,7	1,7	7,9	5,3
2017	2,7	2,3	5,0	5,4
VARIAÇÃO NA ÚLTIMA DÉCADA				
2007-2017	16,3	-1,8	-4,5	13,1
2015-2017	2,0	4,1	13,2	11,0

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas de ADB, BLS, Banco Central de la República Argentina, BCB, DGEyC, FUNCEX, FGV/IBRE, IBGE, INDEC, INEGI, KOSIS, Macrodados, METI, Ministry of Health, Labor and Welfare, MOEL, OECD, The Conference Board e da CNI. 1/A taxa de câmbio real efetiva é a relação entre a cesta de 10 moedas e a moeda brasileira. Um aumento do índice da taxa de câmbio indica apreciação cambial.



CUT relativo e seus componentes, Indústria de transformação

Varição acumulada (%)

PAÍS	2007-2017				2016-2017			
	Salário médio real relativo	Produtividade do trabalho relativa	Taxa de câmbio real ^{1/}	CUT relativo	Salário médio real relativo	Produtividade do trabalho relativa	Taxa de câmbio real ^{1/}	CUT relativo
Brasil-Estados Unidos	35,5	1,4	-11,8	17,9	3,2	3,7	7,5	6,9
Brasil-Argentina	-22,0	-4,0	-22,5	-37,0	1,5	0,6	-2,3	-1,4
Brasil-Alemanha	21,9	-2,7	14,4	43,4	2,0	2,2	6,4	6,2
Brasil-México	51,9	2,3	5,7	56,9	3,2	5,0	4,3	2,5
Brasil-Japão	33,3	12,2	-1,1	17,5	2,7	1,1	12,3	14,0
Brasil-França	18,4	-10,2	19,3	57,3	3,0	3,1	6,6	6,6
Brasil-Itália	22,7	-3,3	14,2	45,0	3,8	3,8	6,2	6,3
Brasil-Coreia do Sul	5,4	-21,3	11,0	48,8	4,1	-1,3	3,4	9,1
Brasil-Países Baixos	25,3	-3,6	11,5	44,9	4,2	0,2	3,1	7,3
Brasil-Reino Unido	28,9	-0,7	29,0	67,4	2,2	1,6	10,9	11,5

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas de ADB, BLS, Banco Central de la República Argentina, BCB, DGEyC, FUNCEX, FGV/IBRE, IBGE, INDEC, INEGI, KOSIS, Macrodados, METI, Ministry of Health, Labor and Welfare, MOEL, OECD, The Conference Board e da CNI.

1/ A taxa de câmbio real é a relação entre a moeda local do país e a moeda brasileira. Um aumento do índice da taxa de câmbio indica apreciação cambial.

CUT e seus componentes, Indústria de transformação brasileira

Varição acumulada (%)

ANO	Salário médio real ^{1/}	Produtividade do trabalho (Produto por horas trabalhadas)	CUT real em moeda doméstica	Taxa de câmbio real ^{2/}	CUT real em dólar
2008	-4,0	-2,3	-1,7	-7,9	6,6
2009	11,0	0,8	10,2	3,4	6,6
2010	-0,3	2,1	-2,3	-10,9	9,6
2011	6,1	-0,8	6,9	-2,4	9,5
2012	7,4	-0,5	8,0	13,6	-4,9
2013	2,3	2,7	-0,3	4,6	-4,7
2014	5,0	-0,3	5,3	3,7	1,5
2015	6,9	0,3	6,5	25,6	-15,2
2016	0,2	1,7	-1,5	-4,9	3,6
2017	1,4	4,4	-2,9	-7,0	4,4
VARIÇÃO NA ÚLTIMA DÉCADA					
2007-2017	41,3	8,2	30,6	13,4	15,2
2007-2012	21,1	-0,8	22,1	-5,9	29,6
2012-2017	16,7	9,0	7,0	20,4	-11,2

Fonte: Elaborado pela CNI, com base em estatísticas do BLS, BCB, FGV/IBRE, IBGE e da CNI.

1/ O salário médio do Brasil é deflacionado pelo IPA-DI da FGV, um índice de preço ao produtor. Para a empresa, o que importa no enfoque competitividade-custo é quanto o salário varia em relação ao preço recebido pelo produtor doméstico ao vender sua produção.

2/ A taxa de câmbio real é a relação entre a moeda brasileira e o dólar estadunidense, deflacionados pelos respectivos preços ao produtor da indústria de transformação (IPA-FGV e PPI-BLS). Um aumento do índice da taxa de câmbio indica depreciação cambial.



Veja mais

Mais informações sobre a pesquisa em:

www.cni.com.br/competitividadecusto